

Edward Said

mundanidade e deslocamento

Fernanda Belizário (2014)



Edward Said: entre deslocamentos e mundanidade

“Eu tenho sido incapaz de viver uma vida descomprometida ou em suspenso: eu não tenho hesitado em declarar a minha filiação a uma causa extremamente impopular”. Edward Said¹

Nascido em Jerusalém em 1935 Edward Wadie Said experimentou desde criança a ideia de estar fora de lugar. Seu pai era cristão ortodoxo e sua mãe protestante em um país de maioria muçulmana, a família tinha cidadania americana e palestina e viveu, além da Palestina, no Líbano e no Egito. Said imigrou adolescente para os Estados Unidos para terminar seus estudos. O exílio foi para ele uma das características mais marcantes de sua condição como intelectual.

Professor de Literatura Comparada da Columbia University, apaixonado pela literatura e pela música, ingressa na política em 1967 quando Israel ataca a força aérea egípcia, a Faixa de Gaza, o Sul e Norte da Síria, as Colinas de Golã e a Cisjordânia, levando mais de 350 mil palestinos à condição de refugiados, no episódio conhecido como Guerra dos Seis Dias.

Renomado acadêmico, crítico de arte, professor de literatura comparada especialista em língua inglesa. Edward Said fez uso de sua posição prestigiosa como intelectual norte-americano para denunciar o sofrimento do povo palestino na guerra árabe-israelense, denunciar a construção estereotipada do povo árabe pelo ocidente ² e apresentar uma obra sofisticada sobre o papel do intelectual de desmistificar as relações de poder e denunciar a desigualdade.

A sua obra mais conhecida, o *Orientalismo* (1978), teve um impacto tão profundo nos estudos culturais, principalmente nos países periféricos, que foi capaz de articular interesses diversos dentro do projeto intelectual que veio a

¹ (apud Said e Barsamian, 2003).

² Um exemplo ilustrativo pode ser visto no documentário *Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People*, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Ko_N4BcaIPY>

se denominar Pós Colonialismo, sendo considerada uma de suas obras fundadoras, junto com *Can the subaltern Speak* de Spivak e *The location of Culture* de Homi Bhabha (Moore-Gilbert, 2000:451).

Suas opiniões também o qualificaram como o principal porta voz da causa palestina nos Estados Unidos, membro do Conselho Nacional da Palestina, sempre foi contra fundamentalismos e atraiu inimigos de ambos os lados do conflito árabe-israelense. Chamado de “professor do terror”, ao ser contra os acordos de paz de Oslo por achar que não consideravam as reivindicações palestinas, chamado de nazista por *The Jewish Defense League*, pois

revoltava-se, como muitos de nós, contra a renda do Holocausto de que o Estado colonialista de Israel continua a usufruir no Ocidente para poder perpetrar os seus crimes contra populações civis inocentes e beneficiar da isenção de condenações e sanções que foram aplicadas a outros governos repressivos, como foi o caso da África do Sul. (Santos, 2003)

Seu escritório na universidade de Columbia foi incendiado e tanto ele quanto a família receberam inúmeras ameaças de morte. (Said e Barsamian, 2003), (Said, 1998).

O ativismo político, para Said, também estava na Literatura. Contra uma crítica literária totalmente focada em critérios estéticos de forma e função do texto, defendia uma análise que entendesse a obra como um processo, não como algo acabado, e a crítica como indissociável das condições políticas e culturais em que foi produzida. Said admirava o trabalho de Kipling, mas não deixava de pontuar a imbricação da obra dentro do projeto colonial britânico.

Said é um Mestre do Mundo pelo seu esforço em indissociar a vida pessoal, do trabalho intelectual e do ativismo político. Em unir o seu lado intelectual, seu trabalho como crítico e sua origem palestina dentro do projeto político maior de falar a verdade ao poder, de situar o trabalho do intelectual em um mundo real, de denunciar o silenciamento do povo palestino e seu apagamento da História e de agir contra esse silenciamento, compreendendo o trabalho intelectual como um compromisso mundano, “nenhum outro crítico da cultura revelou de forma tão poderosa o quanto uma teoria é realmente parte do mundo concreto, que ela só existe em um

determinado lugar, por uma razão particular e com uma história particular” (Aschcroft e Ahluwalia, 2008). Edward Said fez ver as articulações profundas entre a cultura e a política. Entre o projeto colonial e os diversos imperialismos dos quais este mundo é refém. Sua obra é o ponto de partida de pensadores do Sul e do Norte global³ que buscam compreender o legado profundo do colonialismo nas cartografias do poder mundo afora.

O objetivo deste artigo é ser um contributo para a compreensão da vida e obra de Edward Said, se é que dissocia-las não parece uma injustiça contra o próprio autor, como um mestre do mundo, como alguém que carrega um legado em sua história que possa ensinar o mundo a ser um lugar com menos invisibilidades, com mais emergências e maior justiça cognitiva⁴.

Após dez anos de luta contra uma leucemia incurável, Said faleceu em 2003, aos 67 anos.

1. Fora de lugar

O pai de Edward, Ibrahim Said, era palestino, cristão ortodoxo, que imigrou para os Estados Unidos em 1911, aos 16 anos. Por conta de seu alistamento no exército e participação em algumas campanhas, ganha cidadania americana, mas retorna à Palestina no início dos anos 1920 e abre um próspero negócio de livros e materiais de escritório, com filial no Cairo.

Quando Edward Wadie Said nasceu em 1935, em Jerusalém, sua família passava parte do ano na Palestina, parte no Egito e os verões no Líbano, “estávamos sempre em movimento” (Said e Viswanathan, 2001:233). Quando tinha 12 anos, em 1947, no processo de divisão da Palestina entre árabes e judeus conduzido pelas Nações Unidas, sua família foi forçada a deixar a Palestina e então se estabelece definitivamente no Cairo. Até os 16

³ Ver o conceito de norte e sul globais em Santos e Meneses, 2010.

⁴ Ver a proposta de Sociologia das Emergências e Justiça Cognitiva em Santos e Meneses, 2010.

anos, quando imigra para os Estados Unidos, Said era cidadão palestino, cidadão americano e residente no Egito.:

A maior parte da minha família deixou Jerusalém porque teve de fazê-lo. Nossa casa estava numa área totalmente desprotegida. Estava em uma área que foi dominada pelo Haganah. Pelo que eu me lembro, não havia milícia ou resistência organizada de nenhum tipo. Nós morávamos em um próspero subúrbio árabe na parte oeste de Jerusalém. Na verdade, todo o oeste de Jerusalém era árabe. E isso não é conhecido, nós ouvimos sobre o leste de Jerusalém hoje em dia, mas naquela época os quatro grandes distritos da parte oeste da cidade eram árabes. A luta começou no final de 1947, a gente já morava no Cairo e voltaríamos para lá de qualquer maneira, mas o resto da minha família também foi embora porque era impossível viver lá e na primavera de 1948 minha família toda, do lado da minha mãe e do meu pai, se tornaram refugiados. Alguns foram parar no Egito, alguns na Jordânia, alguns no Líbano. (Said e Ali, 2006:27)

A biografia deslocada de Said ainda guarda a ideia de se sentir “minoría dentro de uma minoría” (Said e Viswanathan, 2001:234),

Minha memória mais forte de infância era a de não estar adequado. Eu era muito tímido. Era tremendamente ansioso e nervoso sobre minhas relações com os outros e tinha certa inveja dos outros serem egípcios e muçulmanos ou palestinos e muçulmanos e sempre tinha essa sensação de não estar exatamente no lugar certo. (id)

Edward descreve em vários momentos seu pai como um homem vitoriano, rígido, para quem a ideia de lazer era absurda e a expressão favorita era “mente vazia, oficina do diabo”, não aceitava que Said tivesse amigos fora da escola e exigia dedicação absoluta aos estudos. A sua mãe contrabalançava essa rigidez e de quem Said herdou o gosto por música e literatura. Foi ela também que o apoiou a aprender piano desde a infância.

Said foi educado em escolas de elite baseadas no modelo britânico, tanto em Jerusalém como no Cairo. Aos treze anos, Said conhecia com fluência a história inglesa e francesa, mas não conhecia nada sobre a história dos lugares onde vivia. Por conta do seu histórico de indisciplina nas escolas, e de ser “um completo fracasso no sistema britânico”, seu pai concluiu que era hora de completar os seus estudos nos Estados Unidos. Em 1951, imigra

sozinho para estudar em uma escola de elite na Nova Inglaterra. Mais tarde, Said escreveria odiar o internato ‘puritano e hipócrita’ e que o lugar era ‘terrível e desorientador’, mas nos Estados Unidos ele precisou “refazer-se de maneira a se tornar algo que o sistema exigia” (Said e Ali, 2006:6).

Said fez seu bacharelado na Universidade de Princeton (1957), e mestrado (1960) e Doutorado (1964) na Universidade de Harvard onde se especializou em Literatura Inglesa. Em 1963 ingressou na Universidade de Columbia como *Lecturer in English*, três anos depois lança seu primeiro livro *Joseph Conrad and the fiction of Autobiography* (1966) e em 1967 é promovido a professor-assistente na área do Inglês e Literatura Comparada.

Na sequência de sua vida acadêmica, publicou mais de 20 livros⁵. Da crítica literária, à política no Meio Oriente, passando pela ópera, pelos filmes e pelas viagens.

2. “Em 1967, o mundo como eu conhecia havia acabado”

“A Palestina é uma causa ingrata... você não consegue nada além de humilhação, abuso e ostracismo ... Quantos amigos evitam o tema? Quantos liberais *bien pensant* tem tempo para Bósnia e Chechênia e Somália e Ruanda e África do Sul e Nicarágua e Vietnã e direitos humanos e civis em todos os lugares do mundo, menos para a Palestina e os palestinos?”⁶

Há várias referências, tanto de Said em entrevistas quanto de comentadores, sobre o ano de 1967 ser um marco na sua biografia e na sua obra, ano em que se inicia A Guerra dos Seis Dias entre forças árabes do Egito, Síria e Palestina contra o avanço das forças israelenses no mundo árabe.

Tariq Ali: Então você era o professor de literatura comparada, que cuidava de seus afazeres, dava aulas,

⁵ Veja uma seleção de livros e obras relacionadas sobre Edward Said no fim deste artigo.

⁶ (Apud Said e Barsamian, 2003:ix).

trabalhava com Trilling⁷ e os demais; mas, ao mesmo tempo, outro personagem crescia dentro de você – e você mantinha os dois separados?

Edward Said: Tinha de manter. Não havia espaço para o outro personagem existir. Eu havia efetivamente rompido minha ligação com o Egito. A Palestina não existia mais. Uma parte de minha família vivia no Egito, a outra parte, no Líbano. Eu era estrangeiro nos dois lugares. Não me interessava pela empresa da família e por isso estava aqui. Até 1967, não pensava em mim senão como alguém que se preocupa com o próprio trabalho. Aprendera algumas coisas pelo caminho. Estava obcecado com o fato de muitos heróis culturais meus – Edmund Wilson, Isaiah Berlin, Reinhold Niebuhr – serem sionistas fanáticos. Não eram apenas pró-israelenses; diziam e publicavam as coisas mais horríveis sobre os árabes. Mas eu só podia observar. Em termos políticos, não havia outro lugar para mim. Estava em Nova York quando começou a Guerra dos Seis Dias; fiquei absolutamente abalado. O mundo que eu entendia acabou naquele momento. Estava nos Estados Unidos fazia anos, mas só então foi que comecei a ter contato com outros árabes. Em 1970, estava totalmente mergulhado na política e no movimento de resistência palestina”. (Said e Ali, 2006:6-7)

Em 1967, Said se dá conta que sua trajetória acadêmica contemplava somente o seu lado ocidental, nunca havia lecionado sobre a literatura do Oriente Médio e todo o seu trabalho estava fundado na análise da literatura ocidental. Então, começa a tomar contato novamente com a parte árabe da sua história:

fiz muitas coisas, comecei a ir ao Meio Oriente com mais frequência, eu me casei lá, com uma mulher com as mesmas origens que as minhas, entre 1972-73 eu tirei um ano sabático em Beirute e pela primeira vez na minha vida eu me envolvi totalmente em um estudo sistemático da filologia árabe e dos clássicos da tradição árabe. (Said e Viswanathan, 2001:237)

Ao mesmo tempo, Edward Said envolve-se cada vez mais na luta pela autodeterminação do povo palestino. Em 1968, publica seu primeiro ensaio político “The Arab Portrayed” em que diz ser preciso assumir “o desafio meio absurdo de articular uma história de perda e expropriação que precisa ser

⁷ Referência a Lionel Trilling, professor de Inglês na Columbia University, renomado crítico literário de quem Said foi assistente.

desembaraçada, minuto a minuto, palavra por palavra, centímetro por centímetro”⁸. Inicia-se então uma longa carreira acadêmica e política centrada “nas questões de expropriação, exílio, luta política pelos direitos humanos, a luta para expressar o inexpressável, e um conjunto de questões que a partir daquele momento deram forma ao seu trabalho” (id).

3. Por um Orientalismo mundano

No período entre 1978 e 1981 Said escreve a sua trilogia sobre as questões do Islã: *Orientalismo* (1978), *A questão da Palestina* (1980) e *Cobrindo o islã* (1981) e elabora um conjunto de argumentos que serão urdidos por toda a sua obra: a ideia de mundanidade (*worldliness*)⁹.

Há um conjunto de motivações ora imediatas ora profundas que marcam a motivação de Said para escrever o *Orientalismo* que giram em torno da seguinte pergunta: “Por que, quando olhamos para o Meio Oriente, temos uma noção pré-concebida sobre as pessoas que vivem lá, no que acreditam, como agem mesmo que nunca tenhamos lá estado?”¹⁰

como uma designação fabricada na Europa, ‘o Oriente’ por muitos séculos representou uma mentalidade particular, como na expressão ‘*the oriental mind*’ [grifo nosso] e também um conjunto específico de características culturais, políticas e até raciais. Mas principalmente o Oriente representou um tipo de generalização indiscriminada para a Europa, associado não só à diferença e alteridade, mas a vastos espaços, massas indiferenciadas de pessoas escuras, e romance, locais exóticos e mistério das maravilhas do Leste. (Said, 1992:3)¹¹

A tentativa de responder a essa pergunta levou a uma obra que reuniu os maiores interesses de Said, a literatura e a cultura de um lado e o estudo do

⁸ (apud Said e Barsamian, 2003:1).

⁹ Embora Said tenha apresentado essa construção teórica posteriormente em *The world, the text and the critic* (1983), ela já havia sido escrita antes da publicação do *Orientalismo*

¹⁰ Ver entrevista de Edward Said sobre o *Orientalismo* disponível em http://www.youtube.com/watch?v=fVC8EYd_Z_g

¹¹ Recomendamos ver a abertura do desenho *Alladin* produzido pela Disney (consultar referências para link disponível na Internet), que ilustra bem esta passagem.

poder por outro, elaborando uma contra-história da tradição literária europeia (Viswanathan) ao demonstrar a pertinência de sua ideia de mundanidade (*worldliness*) para compreender as relações de saber-poder que se constituem com o poder imperial.

A noção de mundanidade para Said é uma reação ao debate estruturalista/pós-estruturalista no fim da década de 60. Antes deste período o argumento mais aceito na análise literária era a de que os livros eram comunicações entre escritores e leitores. Roland Barthes propõe então que os textos se organizavam em dois eixos: um sintagmático – que era a organização das palavras para a formação do texto – e um paradigmático – que é a possibilidade de palavras que poderiam ser utilizadas para elaborar este texto, mas que não foram selecionadas, dentro de um universo possível de significados¹².

A autoria então passa de uma elaboração subjetiva a uma função da linguagem, o autor, ao estar inserido neste universo possível de significados é um articulador desses mundos possíveis, não o criador destes mundos.

Para Said, o texto não termina no livro, assim como a Literatura não é uma estrutura inerte com fim nela mesma, o ato literário é um ato que está no mundo. Tratar o texto como uma estrutura sintagmática e paradigmática é separá-lo de sua produção cultural e das relações de poder que o levaram a ser produzido, ou seja, a produção de um texto é um discurso inseparável das condições materiais (mundanas) de sua produção.

Dentro das condições materiais de produção está uma rede discursiva, ou um mercado discursivo em que circulam diversos discursos que concorrem para serem estabelecidos, legitimados, naturalizados como verdade em

¹² Uma excelente apresentação do diálogo de Said com os estruturalistas e pós-estruturalistas pode ser lida em Ashcroft e Ahluwalia, 2008.

virtude do qual os outros discursos irão se organizar por similaridade e oposição¹³.

Partindo disso, o conceito de mundanidade de Said se assenta na ideia de que o texto reflete e refrata as suas condições materiais de produção. Reflete ao objetivá-las socialmente dentro de práticas discursivas e refrata ao guardar dentro de sua própria constituição essas mundanidade, uma organização interna que também expressa as condições materiais.

No caso do Orientalismo, ele tanto expressa uma certa forma de compreender o outro oriental (reflexão), como é também um *framework* de análise que se auto-referenda, pois o seu conjunto de análise é também um esquema, um conjunto de regras que devem ser seguidas, expressas na forma de pressupostos e métodos, para que seja possível conhecer o oriental. Cada nova informação, para ser legitimada, precisa respeitar os seus cânones, não havendo espaço para o desmonte das representações que se acumulam sob o nome de orientalismo (refração).

Este discurso [o Orientalismo] é um sistema regulador de produção de conhecimento dentro de certos limites onde certas regras precisam ser observadas. Ir além, não usá-lo é virtualmente impossível porque não existe conhecimento que não seja codificado desta maneira.¹⁴ (Said, 2012)

A mundanidade no Orientalismo é expressa na própria composição da obra. Ainda na introdução, Said deixa claro que não irá esgotar ostensivamente as obras orientalistas em busca de compreender o Orientalismo como discurso, mas que para compreendê-lo em sua mundanidade, é preciso compreendê-lo de três formas diferentes, porém interrelacionadas: a) o orientalismo como uma disciplina acadêmica, b) um jeito de pensar e c) uma instituição que determina como se deve lidar com o Oriente.

¹³ Os discursos contra-hegemônicos se organizam sempre a partir dos discursos hegemônicos com os quais eles concorrem, enquanto os discursos hegemônicos não necessitam mencionar os que fazem oposição a eles mesmos.

¹⁴ On Orientalism: interview with Edward Said, [online video], 2012, http://www.youtube.com/watch?v=fVC8EYd_Z_g, (acessado a 8 de janeiro de 2014).

Como uma disciplina acadêmica, o Orientalismo surge no século XVIII e tem como objetivo acumular um edifício de conhecimento que serve para perpetuar e reforçar as representações ocidentais sobre o oriente.

Como um jeito de pensar, o Orientalismo está baseado numa distinção epistemológica e ontológica entre o Oriente e o Ocidente.

Como instituição, o Orientalismo é uma estrutura usada para dominar e autorizar representações sobre o oriente, de forma que seu funcionamento é inseparável da questão colonial.

As três faces do orientalismo atuam juntas numa rede inextricável de produção de conhecimento e representação, numa lógica de saber-poder que tem por finalidade a dominação imperial. A divisão entre ocidente e oriente é uma categoria pela qual os estudos orientalistas se baseiam, mas um dos lados tem o poder de definir a realidade de como o ocidente e o oriente devem ser: “orientalismo é uma visão política da realidade cuja estrutura promove a diferença entre o familiar (europeu, ocidental, nós) e o estranho (oriental, oriente, eles)” (Said, 2008). Dessa maneira, um dos efeitos da mundanidade do Orientalismo é definir a superioridade do mundo ocidental, nomeadamente da Europa em relação a esses povos.

Ao analisar as obras que falam sobre o Oriente, Said busca demonstrar que mais do que narrativas isoladas, são uma expressão da dominação europeia sobre o mundo árabe. Para falar de relações de poder, Said não precisa recorrer ao aparato da Ciência Política, ele pode fazê-lo pela análise das obras literárias. Esta é a expressão da mundanidade das obras que ele analisa, as suas condições de exprimir e construir, ao mesmo tempo, uma realidade de dominação.¹⁵

Ao comentar o Orientalismo norte-americano ou as versões modernas do Orientalismo, Said aponta que era de se esperar que as análises fossem

¹⁵ A este método de análise da obra literária para enxergar as relações de poder com as quais a obra se filia e expressa, Said chama de leitura contrapontual (*contrapuntual reading*), tomando de empréstimo a ideia de contraponto da Música. Para saber mais, consultar Aschcroft e Ahluwalia, 2008.

mais sofisticadas ou que a possibilidade de conhecer o Oriente por meio da Internet ou outros meios ajudasse a construir uma visão menos dissonante sobre o Islã, porém não foi o que aconteceu. O Orientalismo como visão de mundo é um discurso tão forte que qualquer conhecimento sobre o Oriente parece só se dar por meio dele e mesmo experiências objetivas de contato são incapazes de desmontar esse edifício colonial que coloca o Islã como um lugar atrasado, com pessoas atrasadas, parado no tempo.

É nesse sentido que o discurso é, ele mesmo, a produção da realidade, a visão de mundo que se dá a conhecer, com parâmetros tão rígidos a respeito das informações relevantes, das formas como se pode conhecer o Oriente e as representações que constituem essa realidade que mesmo para um Palestino ou um Sírio ou um Magrebino, este discurso tem tal força que passa a ser uma explicação plausível até para o oriental que passa a enxergar seu mundo como atrasado e passa a desejar os valores eurocêntricos.

Ao articular o Orientalismo como disciplina, forma de pensar e instituição colonial, Said reúne conhecimento, crítica e política em um mesmo empreendimento. Ao posicionar o Orientalismo como um discurso “Said elaborou um dos mais profundos exemplos da máquina da dominação cultural, uma metonímia do processo do controle imperial e que continua a ter repercussões no mundo de hoje”(Aschcroft e Ahluwalia 2008:51)¹⁶.

¹⁶ Embora não sejam objeto deste trabalho, é importante mencionar como o Orientalismo se articula com as duas outras obras da trilogia sobre o Islã. O segundo volume, chamado “A questão da Palestina” é uma tentativa de contar a história do conflito entre árabes e israelenses do ponto de vista dos palestinos, relacionando a dominação israelense com o projeto colonial do Ocidente. A terceira obra, “Cobrindo o Islã”, atualiza a discussão do Orientalismo para os dias de hoje, ao fazer uma análise da produção midiática norte-americana sobre o Islã.

4. Falar a verdade ao poder – o papel do intelectual

Said se opõe à crítica secular (*secular criticism*) pela sua especialização, que se concentra em um único aspecto da experiência literária, a função do texto, um aparato de saber-poder organizado para invisibilizar contradições internas em nome de um resultado ou um parecer cientificamente organizado sobre a qualidade de um texto.

Para Said, o texto não está limitado à obra, ao livro, é preciso compreender que a própria Literatura não é uma estrutura inerte, ela é um ato localizado no mundo, uma tradução organizada pelo autor da obra de diferentes forças mundanas. Essa tradução está sempre filiada a outras obras, outros discursos, outros textos.

Esse ato de tradução não é aleatório, ele expressa determinada visão de mundo e precisa ser compreendido exatamente desta maneira. Um texto é uma manifestação do estar no mundo, tem uma presença material, uma história cultural e social, uma existência política e econômica, assim como está implícita ou explicitamente ligado a outros textos.

Se dizer o mundo é representá-lo e se representação é discurso, é impossível isentar um texto de sua responsabilidade de se filiar a uma visão de mundo particular e todas as suas consequências: os seus valores, os seus silenciamentos, as suas violências simbólicas e epistêmicas¹⁷.

Para Said o papel do intelectual nunca é o da 'tolerância gregária em relação ao estado das coisas', mas de oposição por natureza¹⁸. A crítica é pessoal, ativa, comprometida com o mundo, legitimamente comprometida com os processos de representação do mundo e "da ideia quase desaparecida de um intelectual, que pela operação da oposição, espírito

¹⁷ Neste sentido, um exercício importante para os teóricos pós coloniais é o que Said chama de leitura contrapontual, observar de que maneira determinados textos (no caso do autor, as grandes obras de literatura inglesa) se filiam ao projeto político do imperialismo. Esta afiliação (*affiliation*) refere-se "à rede implícita de associações culturais peculiares entre formas, sentenças e outras elaborações estéticas por um lado e, por outro, instituições, agenciamentos, classes e forças sociais amorfas" (Said apud Aschcroft e Ahluwalia 2008:25).

¹⁸ A melhor obra para compreender o papel do intelectual na visão de Said se chama *Representações do Intelectual*, resultado das Conferências Reith de 1993 proferidas para a BBC de Londres.

crítico, pode revelar a hipocrisia, desvelar o falso e preparar o terreno para a mudança” (Aschcroft, 2000:30).

Este crítico, opositorista por natureza, é um amador, recusa a posição de especialista com seu vocabulário próprio e interlocução exclusiva dos seus pares em nome de participar, junto com discursos hegemônicos como o da economia, das representações da realidade, para Said:

O intelectual hoje deve ser um amador, alguém que, ao considerar-se um membro pensante e preocupado de uma sociedade, se empenha em levantar questões morais no âmago de qualquer atividades, por mais técnica e profissional que seja. (...) Além disso, o espírito do intelectual como amador pode transformar a rotina meramente profissional da maioria das pessoas em algo mais intenso e radical; em vez de se fazer o que supostamente tem que ser feito, pode-se perguntar por que se faz isso, quem se beneficia disso, e como é possível tornar a relacionar essa atitude com um projeto e pensamentos originais. (Said, 2005:86-7).

Para este intelectual amador, o seu papel deve ser o de falar a verdade ao poder (*speak truth to power*), de responder (*write back*) ao imperialismo, à injustiça.

Todos nós vivemos numa sociedade e somos membros de uma nacionalidade com sua própria língua, tradição e situação histórica. Até que ponto os intelectuais são servos dessa realidade, até que ponto são seus inimigos. A mesma coisa acontece com a relação dos intelectuais com as instituições (academia, Igreja, entidade profissional) e com os poderes de um modo geral, os quais, na nossa época, cooptaram a intelectualidade em grau extraordinariamente alto. Como assinala o poeta Wilfred Owen, o resultado é que “os escribas impõem suas vozes ao povo / E apregoam obediência ao Estado. Por isso, a meu ver, o principal dever do intelectual é a busca de uma relativa independência em face de tais pressões. Daí minhas caracterizações do intelectual como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder. (Said, 2005:15)

Esse exercício da crítica amadora segue toda a obra de Said, tendo especial relevância no tratamento dado à Questão da Palestina e ao Islã em relação às representações do Ocidente, sobre o que Said comenta:

“Ao sublinhar o papel do intelectual como um outsider, tenho tido em mente o quão impotente nos sentimos tantas vezes diante de

uma rede esmagadoramente poderosa de autoridades sociais – os meios de comunicação, os governos, as corporações etc. – que afastam as possibilidades de realizar qualquer mudança. Não pertencer deliberadamente a essa autoridade significa, em muitos sentidos, não ser capaz de efetuar mudanças diretas e, infelizmente, ser às vezes relegado ao papel de uma testemunha que confirma um horror que, de outra maneira, não seria registrado”. (id:16)

5. A Palestina é uma causa ingrata

O fato de Said ter construído sua carreira como crítico de arte e professor de literatura comparada não o eximiu de falar sobre a Palestina para o público norte-americano e, em última instância, para todo o Ocidente.

O conflito árabe -israelense, é a grande causa mal resolvida do século XX, e a que parece estar cada vez mais longe de ter um fim.

A Questão da Palestina, livro que sucedeu o *Orientalismo*, foi publicado em 1979 e passou por uma atualização do autor no prefácio à edição de 1992. Seu objetivo é mostrar uma contra-história da formação do Estado de Israel que torna visível o povo palestino e busca construir uma narrativa de resistência sobre a percepção ocidental, principalmente, norte-americana, sobre o Islã.

Para fazê-lo, primeiramente, Said argumenta que para dar visibilidade à causa palestina era preciso narrar o conflito árabe-israelense a partir do povo palestino, que foi e tem sido expulso de suas terras desde 1947 e a autoproclamação do Estado de Israel em 1948, o que levou a dois processos: à fuga de mais de dois terços da população na época para países do mundo árabe, Europa, Austrália e América do Norte, o que soma, hoje em dia, 7,5 milhões de palestinos em situação de diáspora (Said e Barsamian, 2003: 45). Os que permaneceram em suas terras estão imersos em uma guerra em que a proporção de mortes é 8 palestinos para cada israelense (idem), vivem o risco da diáspora pela possibilidade de ter suas terras tomadas por Israel ou vivem em situação de autonomia limitada.

Gaza é gradeada como uma jaula gigante. As estradas intercidades são inacessíveis aos palestinos. Há, porém, todo um

sistema de rodovias reservadas a israelenses que ilegalmente ocuparam Gaza e West Bank. Se você incluir o Leste de Jerusalém, que foi ilegalmente anexado, há em torno de 400 mil ocupantes israelenses. Eles estão autorizados a andarem armados. Palestinos estão basicamente confinados a suas casas por longos períodos de toque de recolher, que são revogados por curtos períodos de tempo para que os palestinos possam sair e comprar comida. A maior parte da infraestrutura de West Bank foi destruída. Israel fala de 'ninhos terroristas' mas na verdade eles quase destruíram toda a infraestrutura civil: eletricidade, água, instalações sanitárias, todos os escritórios, das autoridades palestinas, que Israel entende como uma gangue de terroristas, mas que são o Ministério da Educação, Trabalho, Planejamento, Escritório Central de Estatísticas, todos principalmente localizados em Ramallah [...] E a vida, no sentido de ir de um lugar a outro, é muito difícil [...] você fica nos bloqueios da estrada por longos períodos de tempo, muitas pessoas morreram porque não conseguiram chegar a tempo para sua diálise no hospital. A imprensa, mesmo neste país [Estados Unidos] está cheia de relatos de pessoas, principalmente civis, sendo mortos a tiros nos *checkpoints* (Said e Barsamian, 2003:134).¹⁹

Said afirma que a Palestina hoje é uma questão de identidade e pergunta sobre qual autoridade moral os palestinos devem ser destituídos de seu desejo por uma existência nacional, sua terra e direitos humanos? Para o autor, a forma como o conflito é tratado pelo Ocidente é uma manifestação do Orientalismo, que contrapõe Ocidente (judeus) e Oriente (árabes), por isso, ele representa a ocupação da Palestina como uma ocupação colonial. A estratégia do Sionismo foi deslocar a questão da ocupação das terras do Oriente Médio para o Ocidente, onde os palestinos tinham pouquíssima representação e não poderiam interceder por eles mesmos nas negociações. O sionismo criou uma ideia de missão de ocupação, ao afirmar que o povo palestino não existia ou que as terras eram esparsamente ocupadas e uma missão civilizatória de dominar e subjugar o povo árabe. Ao mesmo tempo, em um contexto pós segunda guerra mundial, qualquer voz que se levantava contra os judeus corria o risco de ser taxada de anti-semita. Nesse sentido, Said argumenta que o povo palestino é a vítima da vítima: as vítimas das vítimas do Holocausto.

¹⁹ Said tem um artigo que se dedica a explicar o sofrimento da vida na palestina, "Slow Death: Punishment in Detail", disponível em <http://weekly.ahram.org.eg/2002/598/op2.htm>

O sucesso dos sionistas, para Said, deveu-se à sua habilidade de ocupar um espaço em que poderiam representar e explicar os árabes para o Ocidente

eles emanciparam-se dos excessos do oriente para explicar os árabes orientais ao ocidente, para assumir a responsabilidade de expressar como eram os árabes de verdade, nunca mostrar os árabes em posição de igualdade em relação a eles como existia na Palestina” (Said apud Aschcroft e Ahluwalia, 2008:118)

A construção sobre o árabe que foi representada pelos orientistas do século XIX foi então substituída pela perspectiva do discurso sionista sobre eles. O sionismo então precisa ser visto não como uma libertação do povo judeu mas uma ideologia imperialista que busca colonizar territórios no oriente.

Como é rica nossa mutabilidade, como facilmente nós mudamos (e somos mudados) de uma coisa à outra, o quanto é instável o nosso lugar – e tudo por causa da fundação perdida de nossa existência, o solo perdido de nossa origem, o laço partido com nossa terra e nosso passado. Não há palestinos e palestinianas. Quem são os palestinos e palestinianas? ‘Os habitantes da Judéia e da Samaria.’ Não-judeus. Terroristas. Causadores de problemas. Refugiados. Nomes em um cartão. Números em uma lista. Valorizados em discursos – *el Pueblo palestino, il popolo palestino, le peuple palestin* – mas tratados como interrupções, presenças intermitentes. (Said e Mohr, 1986)

Com isso, Said não se coloca ao lado do nacionalistas palestinianos, nem defende a expulsão do povo judeu do território antes ocupado pelos árabes, mas defende que é preciso discutir a longa trajetória de enganos e negações de ambas as partes, mas com igual poder de representação, em alguns artigos, Said chega a aventar a possibilidade da criação de um Estado binacional como possibilidade de um acordo de paz que seja justo também para os palestinianos²⁰.

²⁰ Como bem disse Boaventura de Sousa Santos (2003): “Nas últimas três décadas, Said foi o mais lúcido defensor das legítimas aspirações do povo palestiniano a viver em paz e com independência na sua terra, ao mesmo tempo que defendia o mesmo direito para os judeus. Isso lhe valeu a hostilidade dos fundamentalistas de ambos os lados. Sempre se manifestou contra o terrorismo mas nunca deixou de afirmar que o terrorismo dos fortes, do Estado de Israel, era muito mais ignominioso que o terrorismo dos fracos, dos bombistas suicidas. Revoltava-se, como muitos de nós, contra a renda do Holocausto de que o Estado colonialista de Israel continua a usufruir no Ocidente para poder perpetrar os seus crimes

6. O exílio, mundo, o texto e a crítica

As críticas ao trabalho de Said são tão profícuas quanto a sua exaltação. Em relação à caracterização do Orientalismo, alguns autores questionam que Said ignorou a tradição orientalista que já existia antes da invasão napoleônica no Egito, também desconsiderou a escola orientalista germânica que traria dificuldades para relacionar o orientalismo com o projeto colonial. Se por um lado, Said dá ênfase ao binômio saber-poder, ele também não investe no desmonte deste discurso, ao não apresentar os discursos contra-hegemônicos produzidos sobre os orientais, ou seja, não apresenta as alternativas ao orientalismo.

De todo modo, a contribuição do Orientalismo para a teoria dos estudos culturais, para o fortalecimento do pós colonialismo como uma corrente teórica e a influência em diversas disciplinas é inegável. Se de um modo ou de outro, Said falava sobre a hegemonia dos discursos e seus efeitos silenciadores sobre discursos subalternos é inegável também que o seu Orientalismo também se transformou em um discurso hegemônico.

A teoria do discurso colonial, por exemplo, apresenta a tese de que o discurso obscurece os objetivos políticos e materiais que estão por trás da colonização e que sua reprodução afeta tanto o colonizador, como o colonizado. Outra teoria que se fortalece com o aparato teórico oferecido pelo Orientalismo é a teoria pós-colonial, que busca analisar o impacto da colonização no mundo, seu legado e a forma como as visões de mundo imperialistas desenharam cartografias de poder que se mantem até os dias de hoje em todas as esferas da vida dos povos que pertencem ao Sul Global²¹.

contra populações civis inocentes e beneficiar da isenção de condenações e sanções que foram aplicadas a outros governos repressivos, como foi o caso da África do Sul”.

²¹ Ver Santos e Meneses, 2010.

A teoria pós colonial busca construir perspectivas contra-hegemônicas para dar conta de alternativas que levem em conta os povos oprimidos do mundo, a luta pela autodeterminação, a valorização de formas não hegemônicas de saber e produção de conhecimento, a busca por formas de emergência da voz e da condição subalterna, a luta contra cartografias hegemônicas em relação à política, à língua, à cultura.

Na perspectiva do discurso tal como é elaborado por Said, a teoria pós colonial tenta construir outras representações de mundo, que fazem emergir não os interesses imperiais, mas os interesses daqueles que foram silenciados e não podem falar por si mesmos, no sentido de Spivak.

Não tenho dúvida alguma de que o intelectual deve alinhar-se aos fracos e aos que não tem representação. Robin Hood, dirão alguns. No entanto, sua tarefa não é nada simples e, por isso, não pode ser facilmente rejeitada como se fosse idealismo romântico. No fundo, o intelectual, no sentido que dou à palavra, não é um pacificador nem um criador de consensos, mas alguém que empenha todo o seu ser no senso crítico, na recusa em aceitar fórmulas fáceis ou clichês prontos, ou confirmações afáveis, sempre tão conciliadoras sobre o que os poderosos ou convencionais têm a dizer e sobre o que fazem. (Said, 2005:35-6)

A sua voz de intelectual, sempre mundana, também contribui para uma postura engajada sobre a realidade, para a figura de um intelectual combativo, um intelectual que enxerga as condições materiais de produção da sua obra e uma crítica que se faz sem perder a capacidade de criar afiliações entre conjunturas materiais e as obras que analisa, crítica, que lê contrapontualmente.

O que faz de Said um mestre do mundo?

É inegável o legado de sua obra magistral, traduzida, discutida, criticada, repensada em mais de 38 países, origem profícua de novas áreas do saber, influência importante na maior parte das Ciências Humanas no século XX. Porém, como o próprio Said diz, a obra seja acadêmica ou literária, como

discurso e como afiliada a discursos, não pode ser dissociada das suas condições materiais de produção, sob pena de relegar a nomeação do mundo aos discursos da economia, da política e do dinheiro.

Nessas condições, é impossível desconsiderar a história de deslocamentos de Said, sua identidade norte-americana e palestina, ocidental e árabe. Impossível desconsiderar também a sua luta política pela auto-determinação do povo palestino que muitas vezes ele apresentou como o lugar das vítimas, mas considerando a participação dos palestinos na produção dessa condição, por exemplo, quando criticou os acordos de paz de Oslo, quando se opôs a Arafat e se desfilou da Organização para a Libertação da Palestina, ao acreditar que a instrumentalização política do movimento e a aproximação de Israel e dos Estados Unidos não favorecia a causa, mas interesses políticos dos seus dirigentes.

Para Said, a tarefa do intelectual é falar a verdade ao poder (*speaking truth to power*), para isso, denunciava as exageradas especializações da crítica, em nome de um Humanismo que pudesse dar conta do texto e do contexto, do discurso e de suas condições materiais.

Como um exilado, acreditava que o intelectual deveria experimentar a condição do exílio, porque só quando acaba o amor a um lugar especial acaba-se por amar o mundo todo e para falar a verdade ao poder, é preciso abraçar um humanismo a favor da luta com aqueles que sofrem sem ter a nacionalidade como um particularismo confortável. Mesmo palestino, não tomava partidos, compreendia a situação miserável dos dois lados e desejava um lugar em que o Orientalismo como preconceito fosse abandonado em nome de uma convivência multicultural.

Admirador da literatura, acreditava que todo o texto podia ensinar. Admirador das grandes lutas, criticava a postura academicista de Foucault e admirava o projeto de Franz Fanon, que além de denunciar o texto da exploração colonial e seus efeitos sobre os corpos e as almas das pessoas, também fez disso um convite à luta.

Foi a obra de Edward Wadie Said que ensinou coisas ao mundo? Foi o esforço de tornar visível a condição e a luta dos palestinos que o faz um mestre? Foi a coragem de denunciar os efeitos do imperialismo no mundo islâmico que faz dele uma referência?

Talvez a maneira mais razoável de responder seria, de um jeito humanista, dizer que Said é um mestre do mundo porque a pessoa, a vida, a obra e a luta são, e só podem ser, uma coisa só. Que o exercício do intelectual, era um projeto do ser humano.

Edward Said, um dos mais lúcidos intelectuais do nosso tempo (Santos, 2003), referiu-se em muitos momentos a um poema de Aimé Césaire²² de que gostava muito e que diz muito sobre a sua vida como um intelectual humanista: há lugar para todos no encontro marcado da vitória.

*For it is not true that the work of man is finished,
That we have nothing more to do in the world,
That we are just parasites in this world,
That it is enough for us to walk in step with the world,
For the work of man is only just beginning and it remains to conquer all,
The violence entrenched in the recess of his passion,
And no race holds a monopoly of beauty, of intelligence, of strength, and,
There is a place for all at the Rendezvous of Victory.*

*porque não é verdade que a obra do homem está acabada
que não temos nada a fazer no mundo
que parasitamos o mundo
que basta que marquemos o nosso passo pelo passo do mundo
ao contrário a obra do homem apenas começou e falta ao homem conquistar
toda interdição imobilizada nos recantos do seu fervor
e nenhuma raça possui o monopólio da beleza, da inteligência, da força e
há lugar para todos no encontro marcado da vitória.*

²² O poema faz parte da obra *Diário de um retorno ao país natal* (notebook of a return to my home land) de Aimé Césaire está reproduzido na obra de Edward Said *Politics of Dispossession: the struggle for palestinian self-determination, 1969-1994*.

7. Livros de Edward Said e outros materiais de referência

Said, E. (1966) *Joseph Conrad and the fiction of autobiography*, Cambridge, MA: Harvard University Press.

Said, E. (1972) *The arabs today: alternatives for tomorrow*, Cleveland, OH: Follet Publishers.

Said, E. (1975) *Beginnings: intention and method*, New York: Basic Books.

Said, E. (1978) *Orientalism*, New York: Vintage.

Said, E. (1979) *The question of Palestine*, New York: Vintage.

Said, E. (1981) *Covering Islam: How the media and the Experts Determine how we see the Rest of the World*, New York: Vintage.

Said, E. (1983) *The World, The Text and The Critic*, Cambridge, MA: Harvard University Press.

Said, E. (1986) *After the Last Sky: Palestinian Lives*, New York: Pantheon.

Said, E. (1988) *Blaming the Victims: Spurious scholarships and the Palestine Question*, London: Verso.

Said, E. (1991) *Musical Elaborations*, New York: Columbia University Press.

Said, E. (1993) *Culture and Imperialism*, London: Chatto & Windus.

Said, E. (1994a) *The Politics of Dispossession: the struggle for palestinian self determination, 1969-1994*. London: Chatto & Windus.

Said, E. (1994b) *Representations of the intellectual*, London: Vintage.

Said, E. (1994c) *The Pen and the Sword: Conversations with David Barsamian*, Monroe, ME: Common Courage Press.

Said, E. (1995) *Peace and its Discontents: Gaza-Jericho, 1993-1995*, New York: Vintage.

Said, E. (1999) *Out of Place: a memoir*, London: Granta.

Said, E. (2000) *The end of the Peace process: Oslo and After*, New York: Pantheon

Said, E. (2001) *Power, Politics and Culture: Interviews with Edward Said*, ed. Gauri Viswanathan, New York: Random House.

Said, E. (2002) *Parallels and Paradoxes: Explorations in Music and Society*, New York: Pantheon.

Said, E. (2003a) *Freud and the non-european*, London: Verso.

Said, E. (2003b) *Culture and Resistance: conversations with Edward Said*, ed. David Barsamian, Cambridge, Mass.: South End Press.

Said, E. (2004) *Humanism and democratic criticism*, New York: Columbia University Press.

Said, E. (2006) *On Late Style: Music and Literature Against the Grain*, New York: Vintage.

Vídeos

Edward Said on Orientalism:

http://www.youtube.com/watch?v=fVC8EYd_Z_g

Edward Said entrevistado por Salman Rushdie:

http://www.youtube.com/watch?v=vAmLNc_4VtE

Documentário completo sobre o Orientalismo:

<http://www.youtube.com/watch?v=35MNSW2UnIE>

Judith Butler e Cornell West prestam homenagem a Edward Said:

<http://www.youtube.com/watch?v=jF5mYvjDp3U>

Documentário da BBC “Em busca da Palestina: Edward Said volta para casa”: <http://www.youtube.com/watch?v=ksTgAL-e9yo>

Edward Said comenta o mito do choque de civilizações de Huntington:

<http://www.youtube.com/watch?v=aPS-pONiEG8>

Conferência em memória de Edward Said proferida por Gayatri Spivak:

<http://www.youtube.com/watch?v=gY2fR56f3h4>

Edward Said fala sobre sua obra biográfica *Out of Place*:

<http://www.youtube.com/watch?v=burlvQV-eK0>

Documentário sobre a construção do orientalismo em Hollywood, chamado *Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People*:

http://www.youtube.com/watch?v=Ko_N4BcalPY

8. Referências Bibliográficas

- Ashcroft, Bill and Pal Ahluwalia (2008), *Edward Said (Routledge Critical Thinkers)*, (3rd edn., London: Routledge) 2008.
- Moore-Gilbert, Bart (2000), 'Spivak and Bhabha', in Schwarz, Henry and Sangeeta Ray (eds.), (*A companion to postcolonial studies*, Oxford: Blackwell Publishing Ltd), 451-66.
- Said, Edward W (2005), *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*, (Editora Companhia das Letras).
- Said, Edward W. (1967), 'The Arab Portrayed', *The Arab-Israeli Confrontation of June*, 1-9.
- Said, Edward W. and Jean. Mohr (1986), *After the last sky : Palestinian lives*, (London ; Boston: Faber and Faber) 174.
- Said, Edward W. (1991), 'The World, the Text and the Critic. 1983', *London: Vintage*,
- (1992), *The question of Palestine*, (New York: Vintage Books) xlv, 273.
- (1993), *Culture and imperialism*, (1st ed. edn., New York: Knopf) xxviii, 380.
- (1998), 'Between worlds', *London Review of Books*, 20 (9), 3-7.
- (2000), *Out of Place: A Memoir*, (London: Vintage).
- (2003), *Culture and Resistance: Conversations with Edward W. Said*, (South End Press).
- (2005), *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*, (São Paulo: Editora Companhia das Letras).
- (2008), *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, (São Paulo: Companhia de Bolso).
- (2012), *The politics of dispossession: The struggle for Palestinian self-determination, 1969-1994*, (New York: Random House LLC).
- (2002), 'Punishment by detail', *Al-Ahram Weekly*, 2002 sec. Opinion. Disponível em <<http://weekly.ahram.org.eg/2002/598/op2.htm>>
- Said, Edward W. and Tariq Ali (2006), *Conversations with Edward Said*, (Seagull books).

Said, Edward W. and Gauri. Viswanathan (2001), *Power, politics, and culture: interviews with Edward W. Said*, (New York: Pantheon Books).

Santos, Boaventura de Sousa (2003), 'Said, o intelectual e a causa', *Visão*, 2003, disponível em < <http://www.ces.uc.pt/opiniaobss/089.php>>

Santos, Boaventura de Sousa and Maria Paula Meneses (2010), *Epistemologias do sul*, (Coimbra: Almedina).

Santos, Boaventura de Souza (2010), 'Para além do pensamento abissal: duas linhas gerais a uma ecologia de saberes"', in Santos, Boaventura de Sousa and Maria Paula Meneses (eds.), *Epistemologias do Sul* (Coimbra: Almedina), 23-72.

Arabian Nights – All 3 versions – with lyric, [online vídeo], <http://www.youtube.com/watch?v=Aw8Do64bEtU>, (acessado em 3 de janeiro de 2014)

Edward Said on Orientalism, [online vídeo], 1998, http://www.youtube.com/watch?v=fVC8EYd_Z_g, (acessado em 19 de dezembro de 2013).

Reel Bad Arabs: How Hollywood Vilifies a People, [online vídeo], http://www.youtube.com/watch?v=Ko_N4BcalPY, (acessado em 5 de janeiro de 2014).